

José Paulo Paes, leitor de Schleiermacher

José Paulo Paes, Reader of Schleiermacher

Paulo Roberto Barreto Caetano

Abstract: In 1813 Friedrich Schleiermacher published "On the Different Methods of Translating", paving the way for a consistent discussion about the tension "strangeness-domestication". The philosopher deals with the preservation of the original text in order to transmit to readers the assets of another society through translation.

José Paulo Paes, a Brazilian poet, essayist and prolific translator. He published *Tradução: a ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir*. In this book, the author, who was born in São Paulo, comments some of his linguistic choices when he translated poetic texts. He also points out some issues concerning the criticism and theory of translation.

In this analysis, points of intersections between the discourse of the Brazilian translator and the German philosopher will be discussed - especially regarding the search for a foreign equivalence in the translated text.

Keywords: translation; strangeness; José Paulo Paes; Schleiermacher.

Resumo: Em 1813, Friedrich Schleiermacher publicou "Sobre os diferentes métodos de tradução", abrindo espaço para uma consistente discussão acerca da tensão "estranhamento-domesticação". O filósofo passa pela questão do que seria uma preservação do texto original a fim de que seja transmitido aos leitores um patrimônio de outra sociedade, por meio da tradução.

José Paulo Paes, poeta, ensaísta e profícuo tradutor paulista. É autor de *Tradução: a ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir*. Nesse livro, ele comenta sobre escolhas linguísticas que fez ao traduzir alguns textos poéticos, sobre questões concernentes à crítica e à teoria da tradução.

Na presente análise serão discutidos pontos de intercessão entre o discurso do tradutor brasileiro e o do filósofo alemão, no que tange à tradução de textos literários - principalmente quanto à busca por uma equivalência estrangeirizante no texto traduzido.

Palavras-chave: tradução; estrangeirização; José Paulo Paes; Schleiermacher.

1. Introdução

Em 1813, Friedrich Schleiermacher (1768 - 1834) publicou seu texto emblemático "Sobre os diferentes métodos de tradução", abrindo espaço para uma produtiva discussão acerca da tensão "estranhamento-domesticação". Contudo, a importância do texto do autor alemão não se circunscreve à teoria da tradução. Sua teorização toca em pontos políticos e culturais. Isso devido ao fato de Friedrich Schleiermacher abordar tópicos como, por exemplo, o acesso que o leitor deve(ria) ter ao texto como supostamente teria escrito o autor. Nesse sentido, o filósofo passa pela questão da preservação de aspectos do texto original a fim de que seja transmitido aos leitores um patrimônio cultural de outra sociedade, por meio da tradução.

José Paulo Paes (1926 - 1998), poeta, ensaísta e tradutor verteu para o português textos do grego, italiano, alemão, inglês, escritores como Kostantinos Kaváfis, Aretino, Rilke, Poe, dentre outros. É ainda autor de *Tradução: a ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir*. Nesse livro, o paulista comenta sobre escolhas linguísticas que ele fez ao traduzir alguns textos poéticos, sobre questões concernentes à crítica e à teoria da tradução, sobre a (des)valorização dessa atividade.

Na presente análise, será discutido um ponto de filiação do discurso do tradutor brasileiro ao do filósofo alemão no que tange à tradução de textos

literários pautada na busca por uma equivalência estrangeirizante no texto traduzido. Desse modo, o artigo traz o pressuposto da tradução como uma experiência de estranhamento¹ - perspectiva que, como se verá, é eco da proposta de Schleiermacher - ao ver nessa atividade uma circunstância de encontro com a diferença, com o outro.

2. Schleiermacher e os métodos de tradução

A importância do tradutor não se restringiria à atividade que ele realiza entre línguas diferentes. O filósofo alemão expõe que certas línguas, tamanha sua evolução, precisariam de algo como um tradutor para que se estabelecesse comunicação entre, por exemplo, indivíduos de gerações diferentes - fato que ocorreria também entre coetâneos de diferentes classes sócio-econômicas. O mesmo ainda poderia ocorrer se alguém "igual a nós" (SCHLEIERMACHER 2001: 27) dissesse algo, mas usando as palavras com sentidos diferentes do que usaríamos. O tradutor então lidaria não apenas com línguas distintas, mas com as variantes linguísticas e com a plurissignificação que o discurso pode esboçar.

As diferenças linguísticas formam parte da matéria com que lida o tradutor: se as palavras tivessem a mesma carga semântica nas diferentes línguas, "de forma que diferissem somente para o ouvido" (SCHLEIERMACHER 2001: 33), as traduções seriam mecânicas. Assim, a atividade tradutória se mostra como uma exigente atividade cognitiva. Isso porque o tradutor tem que normalmente lidar com diferenças linguísticas grandes. Uma concepção que idealiza a equivalência entre o texto original e o traduzido pode então se deparar com uma aparente impossibilidade.

¹ Cabe ressaltar aqui que tal experiência é mediada pelo tradutor. Ou seja, é possível dizer que é a partir da leitura particular deste que tal estranhamento se daria. Sobre a percepção e construção ("particularizadas") desse estranhamento, recomenda-se ver o livro *Tradução e diferença*, de Cristina Carneiro Rodrigues, no qual a autora, à luz de Jacques Derrida, trata dessa impressão de estranhamento, expondo que a equivalência seria um ideal construído.

Schleiermacher afirma que o tradutor precisaria captar o (que seria o) espírito do autor para que o leitor o compreendesse. Mas o que o tradutor poderia oferecer seria a própria língua - que não seria coincidente com aquela outra. A tradução seria então um ato tolo? - pergunta o autor alemão (SCHLEIERMACHER 2001: 39). Tal indagação² será aqui debatida por Paes quando este fala da “modalização da impossibilidade”.

Para o filósofo alemão, a fim de se evitar tais dessemelhanças entre as línguas, alguns tradutores fariam uso da paráfrase e da imitação. A primeira seria entendida como “frases intermediárias”, como se estas fossem sinais matemáticos para cada língua, que se deixam levar aos mesmos valores por adição e subtração, o que acaba não erigindo o “espírito” (SCHLEIERMACHER 2001: 39) da língua traduzida, nem o da de chegada. O autor prega que “a igualdade da impressão deve ser salva [e que a imitação] abdica-se da identidade da obra” (SCHLEIERMACHER 2001: 43) [colchete meu]. Para ele, a imitação não aproxima o leitor do autor. Ela daria somente uma impressão aos contemporâneos daquilo que os falantes do original tiveram.

O projeto tradutório de Schleiermacher envolve o que ele chamou de uma aproximação do leitor com o autor, ou seja, por meio da tradução dever-se-ia fazer com que o leitor experimentasse um contato com o texto, com a cultura do autor. Caberia ao tradutor “tornar próximos” autor e leitor, dando a este uma “compreensão e uma apreciação tão completa quanto possível e proporcionar-lhe a mesma apreciação que a do primeiro, sem tirá-lo de sua língua materna...” (SCHLEIERMACHER 2001: 43).

Antes de apresentar essa intrincada tarefa, Schleiermacher afirma que haveria apenas dois caminhos para o tradutor. Um seria levar o leitor até o autor, e o outro seria levar o autor até o leitor. No primeiro, o tradutor substituiria a compreensão da língua de origem, ele tentaria “transmitir aos leitores a mesma imagem, a mesma impressão que ele próprio teve através do conhecimento da língua de origem da obra, de como ela é, e tenta, pois, levá-los à posição dela, na verdade, estranha para eles.” (SCHLEIERMACHER 2001: 45);

² O questionamento do autor alemão serve de mote para o desenvolvimento de sua teoria. A pergunta tem ainda um cunho retórico, já que o filósofo alemão vê a tradução como atividade viável, como se verá à frente.

no segundo caminho, por sua vez, o tradutor deveria fazer como se o autor latino discursasse em alemão para alemães. Desse modo, a tradução empurraria³ o autor “diretamente para dentro do mundo dos leitores alemães e o torna igual a eles” (SCHLEIERMACHER 2001: 45).

Nesse exercício de tensão, a tradução de poesia pode ser emblemática em sua complexidade. Almejando uma suposta fidelidade, o autor de “Sobre os diferentes métodos de tradução” comenta que muitas vezes o ritmo e o sentido do texto estarão em luta implacável, devido a uma ausência de correspondência entre as línguas. Ciente da distância entre estas, ele afirma que o tradutor deve manter “ao menos o mesmo zelo pela limpeza e perfeição da língua, de seguir a mesma leveza e naturalidade estilística que deve ser louvada em seu autor na língua original” (SCHLEIERMACHER 2001: 63-4). Como se verá à frente, essa ambição encontrará ecos em José Paulo Paes, quando este diz que a tradução deveria ser um homólogo do texto de saída.

Em sua assertividade, a proposta de Schleiermacher traz em si o desejo do ganho cultural por meio da tradução. Assim, seu texto se configura como um elogio a essa atividade linguística, pois, para ele, a “verdadeira função histórica da tradução” seria fazer com que “cada um pudesse apreciar o que os mais diferentes períodos trouxeram de bonito tão pura e perfeitamente quanto possível do estrangeiro” (SCHLEIERMACHER 2001: 83).

3. José Paulo Paes: tradutor analítico

José Paulo Paes, em *Tradução: a ponte necessária*, expõe escolhas linguísticas de algumas de suas traduções, bem como elabora considerações críticas e teóricas sobre o ato de traduzir. Por meio delas, vê-se que o tradutor de Taquaritinga é um leitor cuidadoso de autores como Humboldt, Schleiermacher, Mounin, Steiner, Henri Meschonnic, dentre outros.

³ Metáfora do autor alemão que, sutilmente, indica, sob seu ponto de vista, a força que tal processo demanda.

Como alguns desses autores, Paes elogia a contribuição da tradução para a cultura. Em “A tradução literária no Brasil”⁴, texto que abre o livro, ele afirma que, enquanto em escritores a tradução serviu como influência para seus escritos, para leitores brasileiros ela funcionou como oportunidade de refinamento, de desenvolvimento. À luz de Osman Lins, o tradutor paulista comenta que é importante que um escritor tenha influência de textos bem traduzidos, pois “(...) a tradução tende a exercer pressões renovadas sobre as estruturas lingüísticas do país receptor” (PAES 1990: 10).

Discorrendo ainda sobre o ato de traduzir, Paes salienta a necessidade de o tradutor ser um bom leitor. O ato de traduzir seria diferente do de compreender: o tradutor, para ele, diferenciaria-se do “compreendedor inarticulado” (PAES 1990: 06), que diz ter entendido, mas não sabe explicar. Sob esse ponto de vista, o exercício tradutório demandaria uma capacidade cognitiva de expressão do que se entende do texto, para então concebê-lo na língua de chegada.

Sendo um construtor de sentido, o tradutor então poderia propiciar ao leitor da língua de chegada a compreensão de aspectos culturais da cultura de saída. Contudo, tal processo demandaria liberdade na circulação de ideias. No que tange a esse aspecto, José Paulo Paes comenta acerca de alguns impedimentos ocorridos no Brasil colônia. Sendo a tradução uma oportunidade de se entrar em contato com a cultura do outro, pode-se dizer que enquanto colônia de Portugal, o Brasil foi privado dessa chance. O autor de *Tradução: a ponte necessária* afirma que o processo colonizatório português, em sua ânsia de extrair riqueza, forçou o território brasileiro a uma situação de mingua ao proibir, por exemplo, a criação de universidades:

Não só proibiu a instalação no Brasil de uma universidade e de tipografias como também, através de censura férrea e de um ensino jesuítico de índole retrógrada e imobilista, cuidou de impedir a circulação de perigosas ‘idéias estrangeiras’. Se se tiver em conta que o papel da atividade tradutória é precisamente o de pôr as ‘idéias estrangeiras’ ao alcance do entendimento nacional, não será

⁴ Originalmente o artigo “A tradução literária no Brasil” foi publicado no caderno *Folhetim* da Folha de São Paulo, em 18/9/1983. Para a publicação de *Tradução: a ponte necessária*, Paes ampliou-o, chamando-o de ensaio (PAES 1990: 10).

difícil entender por que ela praticamente inexistiu durante nosso período colonial. (PAES 1990: 11-12).

Explica o autor brasileiro que são poucas as exceções de traduções feitas nesse contexto. No âmbito não literário, José Paulo Paes cita o livro de 1618, *Catecismo na língua brasílica* (preparado pelo padre Antonio de Araújo). No campo literário, há outros exemplos. Um deles diz respeito às paráfrases/imitações de Quevedo e Gôngora feitas por Gregório de Matos; outros são Cláudio Manuel da Costa (traduziu sete peças de Pietro Metastasio⁵), tendo este também sido traduzido por José Basílio da Gama. Paes cita ainda a tradução de *Salmos* feita por Sousa Caldas. Nesse trabalho, poderiam ser vistas tentativas de recriação do ritmo do texto hebraico - escolha considerada positiva pelo tradutor paulista. Essa concepção mantém direta relação com a proposta de Schleiermacher por buscar manter o que seria a mesma “naturalidade e estilística” (SCHLEIERMACHER 2001: 65) do texto original.

Exemplo evidente dessa proposta é o caso de Odorico Mendes. Tradutor de livros grandiosos, como a *Ilíada* e a *Odisséia*, ele teria buscado equivalentes para os “longos epítetos homéricos” (PAES 1990: 15). O tradutor maranhense foi criticado por suas escolhas, como se vê na fala de Sílvio Romero: “[Odorico Mendes] torturou frases, inventou termos, fez transposições bárbaras e períodos obscuros, juntou arcaísmos e neologismos, latinizou e greciferou palavras e preposições, o diabo” (ROMERO In: PAES 1990: 15). Tendo seu mérito revisto por Haroldo de Campos, esse tradutor da *Ilíada* parece hoje gozar de uma recepção menos hostil.

Seja por meio de impedimentos imperialistas ou por parte da crítica literária, o contato com o que há de estrangeiro na tradução foi podado ou depreciado nesse período, fazendo assim com que se obstruísse parte de uma produção intelectual, ou fazendo ainda com que o mérito de uma tradução estrangeirizante fosse ofuscado, pelo menos por um tempo.

⁵ Segundo Paes, o autor foi responsável pela criação do melodrama poético que “tanto o celebrou na Europa dos setecentos”. (PAES 1990: 13).

4. Poetas: bons tradutores?

José Paulo Paes traz uma questão cara à teoria da tradução: a da suposta obrigação para com o caráter poético do texto de saída. A tradução seria um ato criativo, de maneira análoga à escrita autoral de um texto literário. Assim, o tradutor daria “fé de um compromisso para com a poeticidade (...) do texto de partida.”. (PAES 1990: 37). Dessa maneira, o autor de *Tradução: a ponte necessária* reforça o caminho que ele começara a traçar no primeiro artigo desse livro (“A tradução literária no Brasil”): o de que o bom tradutor é usualmente um bom escritor em sua língua pátria - fato que, segundo Paes, ocorre com vários autores citados por ele (Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Augusto de Campos).

Tal possível requisito seria justificado pela complexidade da tarefa. À luz de Wittgenstein, Paes fala das equações que envolvem a tradução. Um poema teria “valores” absolutos e relativos, cabendo ao tradutor lidar com os valores absolutos para chegar a um relativo. Como exemplo de tal raciocínio, cita um poema de Herbert Reader (traduzido por Marcos Siscar), no qual há uma aliteração do “r”, sugerindo a força do rio. Na transcrição de Siscar, foi usada uma aliteração do “v”, sugerindo vigor. Desse modo, aquilo que se subentende no texto de saída foi almejado por um caminho diferente, uma “equação própria” (PAES 1990: 39), diferente dos usados na língua de saída.

Com isso, o autor de Taquaritinga salienta que a tradução demanda habilidades de quem a faz. Uma delas seria uma espécie de ambivalência, um suposto caráter esquizofrênico do tradutor, como se ele tivesse duas personalidades, sendo que elas se relacionariam às subjetividades independentes de mundos linguísticos estanques, dos falantes de cada língua. E é justamente essa “personalidade-anfíbio” que possibilitaria o trânsito entre as línguas.

Por meio desse diálogo ocorre o que George Steiner chamou de idioma-centauro: uma língua que estaria entre a língua de saída e a de chegada - estando mais perto desta, mas “contaminado-a, sem desfigurá-la, com o

espírito da outra". (PAES 1990: 43). Tal expressão denota uma obrigação, uma responsabilidade que o tradutor teria para com o texto de saída. Esse débito, de certo modo, aproximaria a figura do tradutor à do autor, já que o primeiro seria responsável por verter para sua língua nuances, sugestões presentes no texto poético de saída. Por causa disso, José Paulo Paes afirma que a tradução de poesia seria o caso limite da tradução.

Todavia, apesar de ter que lidar com uma tarefa complexa como essa, por muito tempo o tradutor não foi valorizado devidamente. Paes, à luz de Henri Meschonnic, fala que o intenso menosprezo à atividade tradutória (em relação à da criação) faz parte de uma ideologia eurocêntrica, a qual visa enaltecer o autor (ocidental e/ou central) em detrimento do tradutor (oriental e/ou periférico) - não cabendo uma igualdade, entre eles, mas um (citando Steiner) "comércio entre poetas". (PAES 1990: 46). Com tal citação, o paulista mostra que não ambiciona uma igualdade ingênua entre os textos.

Assim, o tradutor (principalmente o de poesia) deveria ser valorizado⁶ não apenas pelo conhecimento linguístico (da língua de saída), mas também por sua capacidade de criação, inerente à escrita literária. É por isso que José Paulo Paes diz que na tradução

o que importa, no caso, não é a igualdade de valores e sim a similitude de funções. É na medida em que o poema-alvo preserva, diversa porém equivalente, a mesma ânsia de remonte idioletal do poema-fonte⁷ que o tradutor e criador se encontram num espaço utópico em que a confusão de Babel se resolve outra vez na ordem edênica da nomeação." (PAES 1990: 48).

O tradutor então teria a complexa tarefa de criar tal similitude. Esta, portanto, mostra-se uma herança da teorização do autor alemão.

⁶ É preciso ressaltar que *Tradução: a ponte necessária* é um livro de 1990, ou seja, data (apesar de recente) em que parecia haver mais desvalorização da atividade intelectual do tradutor - o que pode ter diminuído na última década. O leitor interessado em alguns dos pesos que pousam nos ombros do tradutor pode ler *Walter Benjamin: tradução e melancolia*, de Susana Lages Kampff, no qual a autora faz um cuidadoso panorama desse mal estar e sua relação com a atividade tradutória.

⁷ Vale ressaltar que José Paulo Paes usa o termo "fonte", o que pode implicitamente revelar uma concepção de que ele discorda: do texto de saída como emanador do sentido a ser buscado - o que revelaria uma inferioridade da tradução.

Há de se ressaltar que a similitude mencionada por Paes não se configura como igualdade. Como atividade complexa que é, a tradução de textos literários não se permite reduzir a verdades simplórias. Na seção “Palavra por palavra”, Paes fala dos riscos de traduzir literalmente cada palavra - e não toda a frase em seu(s) sentido(s). O autor critica os manuais de tradução que trazem uma única (e definitiva) resposta correta para a tradução. Tal redução vai contra o que o autor defende, uma perspectiva da tradução de poesia como criação, como construção reflexiva que não se entrega a fórmulas tais.

O texto literário, como instância que trabalha com, por exemplo, a ambiguidade e a plurissignificação, demandaria que sua tradução não fosse mera passagem literal de um idioma ao outro. Assim, o autor fala de uma oposição entre a tradução de textos técnicos⁸ e de poesia, na seção “No reino da pragmática”. Enquanto o primeiro deve se abster da ambiguidade, o segundo trabalharia com a riqueza desta (caso ela existisse no texto de saída). Dessa maneira, Paes afirma que a tradução poderia ser o que ele chama de homólogo do poema original, na medida em que ela também seria capaz de produzir, “sobre os leitores da língua-alvo, efeitos semelhantes aos produzidos pelo poema original nos leitores da língua fonte”. (PAES 1990: 115).

A almejada ideia de equivalência, essa “preservação da mesma ânsia” (cf. PAES 1990: 48), apesar de não formulada categoricamente, é cara ao tradutor paulista. Não é em vão que ele cita diretamente o autor de “Sobre os diferentes métodos de tradução”. A argumentação por meio da qual Paes constrói seu livro está em consonância com o projeto político-cultural de Schleiermacher.

José Paulo Paes defende que a tradução não proporcionaria uma utópica igualdade entre o texto de saída e o de chegada, mas que ela seria concebida como uma técnica de equivalência e aproximação - o que modalizaria a antítese traduzível / intraduzível. Com isso, ele poderia responder ao questionamento de Schleiermacher⁹, já que se livra de uma

⁸ Como, por exemplo, manuais de aparelhos eletrônicos.

⁹ A pergunta seria se a tradução é então um ato tolo (citada na página três deste artigo).

cobrança por total correspondência. O tradutor de texto literário trabalharia, pois, na atenuação dessa impossibilidade.

O tradutor paulista fala do limiar do possível - limite para além do qual o tradutor deve almejar. Assim seria possível realizar uma tradução que estaria além do satisfatório, que buscaria uma excelência. Segundo ele, isso seria realizado por meio da leitura de boas traduções, da própria prática, da cultura literária, do conhecimento de línguas. Por isso, José Paulo Paes recomenda que bons tradutores devam ser ouvidos e lidos.

Como citado, a proposta de manter o “espírito” da língua e da particularidade do autor (cf. SCHLEIERMACHER 2001: 39) “sem desfigurá-la” (PAES 1990: 43) diz respeito a uma conservação (e transposição, por equivalência) de nuances do texto de saída. A defesa de Paes está diretamente relacionada à proposta do filósofo alemão de fazer com que a tradução seja uma experiência de contato - e estranhamento - com a cultura de saída. Para tal, seria preciso que o tradutor apresentasse o leitor com um texto que se aproximasse do texto da língua de saída, como afirmou Schleiermacher, “levando” o leitor ao autor.

Como mencionado, o poeta, com espanto, escreveria como se tivesse um olhar primeiro sobre as coisas. Assim a nomeação destas sucederia a uma nostalgia do idioleto edênico. José Paulo Paes menciona o suposto processo por meio do qual Adão teria nomeado as coisas, e que seus descendentes, em seguida, não teriam realizado: em vez de ver a coisa (ter conhecimento dela) e nomeá-la, passaram a entrar em contato primeiro com a palavra, e depois com a coisa, o conhecimento. Daí, o tradutor paulista diz (pensando na poesia como um modo de ver as coisas pela primeira vez) que, por meio da poesia, conseguir-se-á “voltar a ser o primeiro homem do mundo; uma vez ele [o poema] composto (ou lido), dissipa-se a ilusão da inocência reconquistada: sempre se chega tarde a um mundo já velho”. (PAES 1990: 48) [colchete meu]. Nessa perspectiva de estrangeirização, o tradutor de poesia, portanto, precisaria perceber o “olhar novo” que o poeta lança e transcriá-lo na língua de saída.

5. Tradução: a Cultura como matéria

O posicionamento de José Paulo Paes aponta para a ideia de que a tradução não se restringe ao estranhamento entre culturas. Em “Os modestos construtores: alguns problemas da construção literária”, Paes fala como que tradutores são responsáveis por erigirem culturas. Para chegar a tal questão, o autor de Taquaritinga discute escolhas que alguns tradutores fizeram. O mote para a discussão é um artigo de Milan Kundera lido por ele, no qual o autor tcheco critica escolhas feitas por tradutores de sua obra.

A primeira crítica de Kundera se dirige a um editor que reduziu arbitrariamente um romance seu. A partir de tal episódio, José Paulo Paes faz inicialmente duas críticas: uma a editoras dos Estados Unidos que reduzem o tamanho de romances para “os que não têm tempo” e outra a Monteiro Lobato, que traduziu e adaptou (reduzindo o tamanho) *Moby Dick* para jovens. Com isso, Paes salienta seu posicionamento por manter a tradução mais próxima do original - em vez de alterá-la, com fins mercantilistas ou pseudo-didáticos.

Outra crítica de Kundera foi feita a um tradutor espanhol que teria reduzido, a frases curtas, as longas sentenças que o autor escrevera. Com isso, Paes elogia os tradutores brasileiros de Proust, que conservaram o número de volumes de *Em busca do tempo perdido*, e elogia também a tradução de *Asno de ouro* feita por Ruth Guimarães, que “manteve, sem prejuízo da legibilidade, os por vezes confusos nexos de subordinação de suas espichadas orações” (PAES 1990: 104). Novamente vê-se que o autor paulista elogia o que seria para ele uma conservação cuidadosa, por parte do tradutor, de aspectos do texto de saída. Nesse sentido, Paes deixa explícita sua opinião sobre fidelidade na tradução:

Insurgindo-se contra a conhecida *boutade* de as traduções se assemelharem a mulheres, que quando são fiéis não são belas, e quando são belas não são fiéis, Kundera sustenta, com razão, só ser bela a tradução fiel, pois ‘é a paixão da fidelidade que faz o autêntico tradutor’. (PAES 1990:104).

Nessa visão, seria então preciso tomar cuidado para com aspectos do texto de saída. Devido aos dissabores citados, Kundera teria acompanhado a tradução de seus textos para o francês. José Paulo Paes comenta então que considera arriscado os autores deixarem seus textos “entregues à própria sorte em terras idiomáticas estranhas” (PAES 1990: 105). Paes, dotado dessa herança de Schleiermacher, aconselha tal acompanhamento dos autores, com o intento de que a tradução seja feita levando-se em conta aspectos do texto de saída que deveriam ser mantidos ou transcritos na tradução. Com isso, o leitor desta poderia entrar em contato com aspectos próprios (ou julgados como próximos) da língua de saída.

Exemplificando tal ideia, o autor de *Tradução: a ponte necessária* cita Osman Lins para falar da importância da equivalência, pois, por meio desta, seria possível enriquecer a língua de chegada:

(...) o contato com o texto já traduzido (*e a tradução tende a exercer fortes pressões renovadoras sobre as estruturas linguísticas do país receptor*) permite uma fruição mais ágil tendo em vista a vantagem de manter o fruidor de uma obra alienígena em contato com sua própria língua”. (LINS Apud PAES 1990: 105-6) [grifo do autor].

Desse modo, percebe-se mais uma vez que a concepção de tradução em Paes tem relação direta com a proposta de Schleiermacher, tendo em vista o desejo de proporcionar ao leitor da língua de chegada um estranhamento que ele normalmente não encontra na língua vernácula. Esse contato, além de proporcionar tal experiência, funcionaria também como um enriquecimento linguístico na medida em que a tradução proporciona uma oportunidade de “atrito” entre construções solidificadas (da língua de chegada) com construções particulares, novas da língua de saída.

Em *Tradução: a ponte necessária* vê-se outro exemplo dessa busca (no caso, do próprio Paes): dos sonetos luxuriosos de Aretino. No depoimento, o paulista comenta que tentou trabalhar com equivalentes nos planos métricos,

rítmicos, estróficos e semânticos¹⁰ (dos palavrões do poeta italiano). Contudo, ele lamenta o fato de palavras importantes - “potta” e “cazzo” - não possuírem equivalentes em sua “explosão sonora e simetria espelhada (nos níveis fônicos e gráficos) no português” (PAES 1990: 106). Com tal depoimento, ficam evidentes um limite na construção da equivalência e um desejo desse tradutor de levar ao leitor do português efeitos e sugestões que ele vê presentes no poema de Aretino.

Concluindo essa parte, o autor de Taquaritinga então classifica como falácia a tradução que coloca o texto como que escrito em língua vernácula:

Louvável, na verdade, há de ser a tradução que, sem desfigurar por imperícia as normas correntes da vernaculidade, deixa transparecer um certo *quid* de estranheza capaz de refletir, em grau necessariamente reduzido, as diferenças de visão de mundo entre a língua-fonte e a língua-alvo”. (PAES 1990: 106).

Nesse ponto do texto é que se mostra mais explícito o projeto político-filosófico de Schleiermacher em Paes: é a defesa do que ele vê como um atrito construtivo que orienta seu ofício tradutório. A tradução com um viés estrangeirizante lhe é valiosa, oportunidade de aprendizado com o que considera diferente, reflexão acerca do outro e de si.

¹⁰ É fundamental destacar que nesse momento Paes especifica aspectos que ele julga importantes na busca de uma equivalência - clareza raramente exposta por outros tradutores. Contudo, a equivalência não é precisamente conceituada. Este artigo é parte de uma pesquisa sobre trabalho do tradutor paulista. Caberá a ela posteriormente uma continuação da discussão, num plano epistemológico, a fim de ver o que seria esse pretendido conceito de equivalência. Como comentou Rodrigues (referindo-se a Lefevere), alguns tradutores parecem considerar que o aspecto semântico poderia ser conservado (como se fosse único ou estático), desconsiderando, eles, o fato de a tradução ser uma leitura (particular) do tradutor.

6. Referências bibliográficas

PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora Unesp, 2000. - (Coleção Prismas / PROPP).

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2001. 218 p. (Antologia bilíngüe, alemão-português; v. 1).